

O ISLÃ SOB A ÓTICA DAS AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS EUROPEIAS: UMA INTRODUÇÃO DOS DISCURSOS ACERCA DO TEMA NA FRANÇA, INGLATERRA E ITÁLIA

THE ISLAM UNDER THE PERSPECTIVE OF EUROPEAN GOVERNMENT AUTHORITIES: AN INTRODUCTION OF DISCOURSES ABOUT THE THEME IN FRANCE, ENGLAND AND ITALY

CAMILA BENATTIⁱ & RAFAEL TEIXEIRA DA SILVAⁱⁱ

ⁱUniversidade Federal do Ceará

ⁱⁱUniversidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”

ⁱcamilabenatti@hotmail.com, ⁱⁱrafahts@hotmail.com

RESUMO. Desde a década de 1980, e, sobretudo, a partir dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, os debates acerca do Islã se tornaram mais evidentes, adquirindo real importância e atenção nos discursos e preocupações de governantes e acadêmicos. Estes debates se tornaram constantes em alguns países da Europa Ocidental, onde segundo Nina Clara Tiesler (2005), vivem aproximadamente 15 milhões de muçulmanos. É neste contexto que consiste o principal objetivo deste trabalho, que tem o intuito de analisar como os muçulmanos residentes em alguns países da Europa Ocidental, são vistos pelas autoridades nacionais, em termos de coesão social e identidade nacional. Para alcançar este objetivo, primeiramente designamos 3 países, nos quais as preocupações e debates acerca do Islã são mais efetivos e constantes, sendo eles: França, Inglaterra e Itália. Estas nações foram selecionadas após a verificação – por meio de leituras e estudos de fontes bibliográficas – de que são nestes países onde se desenrolam os principais discursos e preocupações sobre as práticas islâmicas e o crescente número de muçulmanos a viverem nestes respectivos Estados. Ainda por meio de fontes bibliográficas, verificou-se que os principais discursos vigentes nos círculos de debates das autoridades governamentais dos países selecionados, se fundamentam sob a ótica de um Islã como sinônimo de problema. Neste sentido, constatou-se que os discursos combatem algumas práticas islâmicas, na premissa de promover a consolidação de uma possível Identidade Nacional Europeia. O debate perpassa pelos principais discursos e contra-argumentações vigentes, hoje, sobre o Islã, nos países designados. As principais questões elucidadas são: o crescimento do número de muçulmanos na Europa; sentimento de pertença e ameaça a alguns valores comuns europeus; algumas distinções entre muçulmanos e europeus que acabam por gerar conflitos étnico-religiosos e de estatuto pessoal; a possível “Eurábia”; e o desenvolvimento de políticas públicas com o intuito de desenvolver o sentimento de pertença e a integração social dos muçulmanos na sociedade. Após esta análise é debatida a tendência atual que estabelece o Islã como representante de ameaça à segurança. Esta tendência se desenvolveu, principalmente, a partir dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA, de 11 de Março de 2004 em Madrid, 07 de Julho de 2009 no metrô em Londres e dos motins em Paris (RAPOSO, 2009). Além desta, há outro tema que tem se mostrado frequente, que diz respeito a uma possível “decadência” europeia, ou seja, a formação de um Estado Islâmico dentro do Estado Europeu. Ademais, a imigração massiva de muçulmanos nestes países se mostra intensa e desregrada. Por fim, são apresentadas algumas considerações finais sobre o trabalho realizado, bem como algumas reflexões, nas quais são propostas algumas questões a serem analisadas em investigações futuras.

PALAVRAS-CHAVE. ISLÃ, EUROPA OCIDENTAL, IDENTIDADE NACIONAL, COESÃO SOCIAL.

ABSTRACT. Since the 1980s, and especially from the terrorist attacks of September 11 of 2001 in the United States, debates about Islam became more evident, acquiring real importance and attention in the discourses and concerns of governments and academics. These debates became constant in some Western European countries, where according Nina Clara Tiesler (2005), live about 15 million Muslims. It is in this context that the main objective of this work, which aims to analyze how Muslims live in some Western European countries, are seen by national authorities, in terms of social cohesion and national identity. To accomplish this, first assign three countries in which the concerns and debates about Islam are more effective and constant, namely: France, England and Italy. These nations were selected after verification - through reading and study of literature sources - that these are countries where major speeches unfold and concerns about Islamic practices and the growing number of Muslims living in these respective states. Even through literature sources, it was found that the main discourses prevailing in discussion circles of

governmental authorities in selected countries, are based in the view of Islam as synonymous with one problem. In this sense, it was found that the speeches fight some Islamic practices, the premise of promoting the consolidation of a possible European National Identity. The debate pervades the main speeches and counterarguments prevailing today about Islam, in the designated countries. The main issues are elucidated: the growing number of Muslims in Europe; sense of belonging and threatens some common European values; some distinctions between Muslims and Europeans who eventually generate ethno-religious conflicts and personal status; the possible “Eurabia”; and the development of public policies in order to develop a sense of belonging and social integration of Muslims into society. After this analysis is discussed the current trend establishing Islam as representative of security threat. This trend has developed mainly from the terrorist attacks of September 11, 2001 in the USA, from March 11, 2004 in Madrid, July 7, 2009 on the subway in London and the riots in Paris (RAPOSO, 2009). Besides this, there is another issue that has often shown, with respect to a possible European decay, other words, the formation of an Islamic state within the European State. Moreover, the massive immigration of Muslims in these countries shows intense and unruly. Finally, we present some concluding remarks on the work done, as well as some thoughts on which proposals are some issues to be analyzed in future research.

KEYWORDS. ISLAM, WESTERN EUROPE, NATIONAL IDENTITY, SOCIAL COHESION.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

Desde a década de 1980, e, sobretudo, a partir dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, os debates acerca do Islã se tornaram mais evidentes, adquirindo real importância e atenção nos discursos e preocupações de governantes e acadêmicos. Estes debates se tornaram constantes em alguns países da Europa Ocidental, onde segundo Nina Clara Tiesler (2005), vivem aproximadamente 15 milhões de muçulmanos. Além disso, é relevante ressaltar que este número tem crescido constantemente, devido aos cidadãos muçulmanos europeus e seus descendentes.

É neste contexto que consiste o principal objetivo deste trabalho, que tem o intuito de analisar como os muçulmanos residentes em alguns países da Europa Ocidental, são vistos pelas autoridades nacionais, em termos de coesão social e identidade nacional. Para alcançar este objetivo, primeiramente designamos 3 países, nos quais as preocupações e debates acerca do Islã são mais efetivos e constantes, sendo eles: França, Inglaterra e Itália. Deste modo, deve-se apreender que ao encontrar no trabalho relações a discursos de partidos, referências a países ou sociedades europeias ocidentais, é necessário atentar que se diz respeito aos 3 países estabelecidos. Estas nações foram selecionadas após a verificação – por meio de leituras e estudos de fontes bibliográficas – de que são nestes países onde se desenrolam os principais discursos e preocupações sobre as práticas islâmicas e o crescente número de muçulmanos a viverem nestes respectivos Estados.

Ainda por meio de fontes bibliográficas, verificou-se que os principais discursos vigentes nos círculos de debates das autoridades governamentais dos países selecionados, se fundamentam sob a ótica de um Islã como sinônimo de problema. Neste sentido, constatou-se que os discursos combatem algumas práticas islâmicas, na premissa de promover a consolidação de uma possível Identidade Nacional Europeia e de sentimento de pertença. Deste modo, verificado que os discursos se fundamentam na Identidade Nacional, se tornou imprescindível a utilização e discussão envolvendo este termo. E é neste caminho, que se inicia o trabalho, ao debater sobre a Identidade Cultural no fim do século XX, segundo o autor Stuart Hall. Neste primeiro capítulo ainda, como mencionado acima, são apresentado às concepções de Identidade Nacional de acordo com Maria Stella Martins Bresciani e Antonio Carlos Robert Moraes.

Posteriormente, no segundo capítulo, o debate perpassa pelos principais discursos e contra-argumentações vigentes, hoje, sobre o Islã, nos países designados. Os principais autores a elucidar o tema são José Pedro Zúquete, Henrique Raposo, Nina Clara Tiesler e Sami Abu-Sahlieh, que tratam questões como: o crescimento do número de muçulmanos na Europa; sentimento de pertença e ameaça a alguns valores comuns europeus; a crescente relevância acerca de temas do cristianismo; algumas distinções entre muçulmanos e europeus que acabam por gerar conflitos étnico-religiosos e de estatuto pessoal, segundo Abu-Sahlieh; as práticas mais combatidas nos discursos dos governantes; a possível “Eurábia”; e o desenvolvimento de políticas públicas com o intuito de desenvolver sentimento de pertença e integração social dos muçulmanos na sociedade.

Após esta análise, no terceiro capítulo, é debatida a tendência atual, que estabelece o Islã como representante de ameaça à segurança. Esta tendência se desenvolveu, principalmente, a partir dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, de 11 de Março de 2004 em Madrid, 07 de Julho de 2009 no metro em Londres e dos motins em Paris (RAPOSO, 2009). Além desta, há outro tema que tem se mostrado frequente, que diz respeito a uma possível “decadência” europeia, ou seja, a formação de um Estado Islâmico dentro do Estado Europeu. Este tema passou a ter real atenção, a partir da verificação da alta taxa de natalidade de muçulmanos na Europa. Além disso, a imigração massiva de muçulmanos nestes países se mostra intensa e desregrada. Contudo, ao finalizar este capítulo, são feitas algumas considerações finais sobre o trabalho realizado, bem como algumas reflexões, nas quais são propostas algumas questões para serem analisadas em estudos e investigações futuras.

IDENTIDADE CULTURAL: EFEITOS DAS FORÇAS NACIONAIS E GLOBAIS

Apreendem-se por identidade comum de um povo as suas características específicas, ou seja, tradições, histórias, mitos e modos de vida que são compartilhados em uma nação ou localidade, aspectos estes que, segundo Batista (2005), formam uma identidade particular. A identidade pode estar ligada à religião, costumes, etnias, crenças, gênero, idade e classe social.

Para determinar a identidade cultural de uma sociedade, segundo Santos (2004), é preciso diferenciar as características desta em relação a outras identidades e culturas diversas. Neste sentido, fundamenta-se nas concepções do termo apresentados por Maria Stella Martins Bresciani e Antonio Carlos Robert Moraes. Bresciani (2007, p. 31) afirma que Identidade Nacional significa “um fundo compartilhado de idéias, práticas, valores morais, noções, teorias, crenças e preconceitos, permitindo a troca de palavras, argumentos e opiniões sobre uma comunidade política efetiva”.

Paralelamente, Antônio Carlos Robert Moraes (1991) ao dissertar sobre a relação da Identidade Nacional com a Institucionalização da Geografia no Brasil, salienta que a geografia moderna se originou no contexto da afirmação dos Estados nacionais europeus, e, portanto, esta disciplina serviu como vetor de legitimação das nacionalidades. Ainda, segundo este autor, a geografia moderna foi responsável pela divulgação da ideia de identidade pelo espaço (MORAES, 1991). Relacionando as escalas de dominação estatal e de auto-identificação dos sujeitos, Moraes (1991, p. 167) afirma que esta “fornece aos indivíduos um referencial que os qualifica numa comunidade de interesses, objetivada no próprio Estado Nacional”. Neste sentido, as Identidades Nacionais se

consolidam pelas “construções simbólicas de novos laços de coesão social legitimadores da forma estatal de dominação política” (MORAES, 1991, p. 166).

No entanto, no fim do século XX as sociedades passaram por uma transformação estrutural que ocasionou mudanças e fragmentações sócio-culturais. Segundo Hall (2006), estas transformações também mudaram nossas identidades pessoais, perdendo a idéia de sujeito integrado, do que era sólido, ocasionando o que é chamado de deslocamento ou descentração do sujeito. “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9).

O que está em evidência, é que o sujeito está composto de várias identidades, que vai adquirindo através de interconexões com outras culturas e costumes, podendo obter, como consequência crises de identidades e contradições do seu eu. Na modernidade, as identidades nacionais subordinam as identidades individuais, todavia essas estão se deslocando e comprimindo distâncias e tempo (HALL, 2006). Este colapso cultural e identitário estão diretamente ligados ao processo de globalização, como defende Hall (2006).

Como consequência dessa reestruturação nas sociedades e de influências externas, as identidades locais têm atingido grande relevância, e novas identidades hibridizadas têm surgido, dessa forma a cultura nacional, antes tão centrada, tem se fragmentado. Ora, através do intercambio cultural, as identidades hibridizadas, têm produzido culturas novas e complexas.

O deslocamento de pessoas permite o acesso a diferentes estilos e padrões de vida, que acabam por gerar uma hibridização das identidades, cujos elementos compõem um mundo cada vez mais globalizado. Linearmente, Teresa Ferreira Rodrigues (2010, p. 113) defende que “ao deslocar pessoas e homogeneizar culturas, comportamentos, padrões de vida acesso a determinado tipos de bens, a globalização elimina as diferenças entre culturas espacialmente definidas, que constituíam as denominadas culturas nacionais”. Portanto, Rodrigues (2010, p. 113) ainda afirma que “as migrações são o aspecto mais imprevisível do comportamento humano, por serem mais sensíveis às alterações de curto prazo das variáveis económicas, sociais e políticas e porque interagem mais directamente com os fenómenos que as influenciam”. Consequentemente, é estabelecida a convivência “com novas populações, cuja imprevisibilidade de comportamento complexifica a compreensão real dos mesmos e respectivo exercício de previsão” (RODRIGUES, 2010, p. 113).

Os países da Europa Ocidental são os principais receptores dos fluxos migratórios desde a Segunda Guerra Mundial, sendo a maioria dos imigrantes oriundos de países islâmicos (TIESLER, 2009). Até a década de 1980, as preocupações acerca dos imigrantes muçulmanos eram sobre questões meramente religiosas. Nas três décadas que se seguiram, e sobretudo, a partir do 11 de setembro de 2001, o assunto se tornou mais evidente, ganhando maior relevância e atenção nos debates e preocupações dos governantes e acadêmicos. É neste panorama, que se desencadeia o principal objetivo deste trabalho no capítulo a seguir: analisar como os muçulmanos residentes na Europa Ocidental, são vistos pelas autoridades nacionais, em termos de coesão social e identidade nacional.

A COESÃO SOCIAL E A CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

As forças globais e nacionais justapostas anteriormente, são vistas pelos governantes das sociedades europeias ocidentais¹ como fatores de ameaça à sua “identidade cultural, autenticidade e independência” (ZÚQUETE, 2011, p. 668). Segundo Nina Clara Tiesler (2005) há aproximadamente 15 milhões de muçulmanos vivendo na Europa ocidental, e este número tem crescido constantemente devido aos cidadãos muçulmanos europeus e seus descendentes.

José Pedro Zúquete (2011) afirma que desde a década de 1980, o Islã tem sido alvo dos partidos de extrema-direita de alguns países da Europa ocidental – França, Inglaterra e Itália –, e esta ideologia se estendeu para os partidos dominantes ou *mainstream* na última década. Questões como a *sharia*², a discriminação e submissão das mulheres, e o abatimento de animais são os mais relevados e combatidos pelos governantes, o que desencadeou questões para além das nações, uma crescente importância aos temas cristãos e discursos pró-judaicos, denunciando a incompatibilidade entre os princípios culturais islâmicos e a cultura europeia (ZÚQUETE, 2011).

Recusando os mitos da “comunidade muçulmana”, do “diálogo de civilizações” e do “islã moderado”, evidenciados e debatidos pelas escolas multiculturalista e do choque de civilizações, Henrique Raposo (2009) defende e releva a importância de superar o problema epistemológico que consideram os muçulmanos unilateralmente como comunidade e religião. O autor julga ser imprescindível elevar as outras identidades islâmicas, como classe, profissões, ideias políticas e morais (RAPOSO, 2009). Neste sentido, é necessário reconhecer que ser muçulmano não abrange somente a questão religiosa, mas sim fatores ambivalentes que influenciam no estilo de vida, nas questões econômicas, políticas e constitucionais.

Linearmente, como considerou Geert Wilders (*apud* RAPOSO, 2009, p. 2), “a ideologia do Islã coloca os valores ocidentais em causa”. Segundo Christina Schori Liang (*apud* ZÚQUETE, 2011), esta ameaça a alguns valores culturais europeus tem gerado a crescente relevância de temas acerca do cristianismo. Esta tendência tem o intuito de privilegiar a tradição de uma Europa cristã contra a invasão muçulmana. O regresso da identidade religiosa cristã tem se manifestado frente à oposição de construção de novas mesquitas, intensificando campanhas contra as práticas e políticas que possam reforçar a islamização da Europa (ZÚQUETE, 2011).

É neste âmbito, que as autoridades nacionais têm despertado a atenção – tanto próprias quanto dos cidadãos europeus –, para o fato de que se não houver a promoção de resistência ao fundamentalismo islâmico, a Europa Ocidental viria a se transformar na “Eurásia” (BARNES *apud* ZÚQUETE, 2011). Este assunto tem se apresentado recorrente em muitos discursos, interpretando a Eurásia como uma “nova entidade geopolítica”, pretendendo a islamização da Europa (ZÚQUETE, 2011, p. 661). O tema desencadeou a partilha de discursos de pertença e exclusão social, e a necessidade de defender a Europa da ideologia imperialista do Islã. Assim, os muçulmanos são vistos como “os outros” dentro da cultura autóctone europeia (ZÚQUETE, 2011).

A preocupação em relação às questões do Islã na Europa, tem se manifestado para além dos países, atingindo uma proporção mais ampla de uma identidade cultural europeia que ultrapassa

¹ Os países da Europa Ocidental que estamos a tratar neste estudo, se dirigem aos países onde o Islã passou a representar um problema e/ou ameaça para estes. Assim, foram designados 3 países da Europa Ocidental onde apresentam-se os principais discursos que rejeitam as práticas islâmicas na atualidade: França, Inglaterra e Itália.

² Código de Leis Islâmicas.

os territórios nacionais e fronteiras. Este sentido lato é fruto da coerência entre a necessidade coletiva dos cidadãos em resguardar a identidade europeia diante os efeitos da globalização, e a luta contra a islamização (ZÚQUETE, 2011). Esta dinâmica e apreensão “pós-nacionalista” (ZÚQUETE, 2011, p. 663) estabelece o Islã como uma ameaça à coesão social e cultural das nações europeias³. Isto contribuiu para o desenvolvimento de um debate nos círculos das autoridades nacionais, que procura reverter a situação do possível desaparecimento das tradições e culturas da Europa Ocidental⁴.

As distinções existentes entre muçulmanos e europeus acabam por gerar conflitos étnico-religiosos e conflitos no plano do estatuto pessoal, como afirma Sami Abu-Sahlieh (1998). Estes conflitos, segundo o autor, perpassam pelas questões da oração, normas alimentares, Jejum do Ramadão, contato entre homens e mulheres, normas de vestuário, liberdade religiosa, impedimento do casamento por diferença de religião, poligamia, sucessões, e uma questão que causa a polêmica maior entre os europeus: a dominação e discriminação dos homens sobre as mulheres (ABU-SAHLIEH, 1998, p. 555-560). Diante destas dissemelhanças, depara-se com alguns muçulmanos que se recusam a integrar social e culturalmente a alguns costumes comuns europeus, mostrando-se, muitas vezes, intolerantes. Esta não aceitação desencadeou uma discussão entre as autoridades nacionais europeias, as quais reivindicam que os países islâmicos devem conceder – dentro de seus países – aos cristãos direitos iguais aos que os muçulmanos possuem dentro da comunidade europeia (ZÚQUETE, 2011).

Como foi possível apreender, as práticas culturais islâmicas geram conflitos de estatuto pessoal e étnico-religiosos (ABU-SAHLIEH, 1998). Dentre as práticas que se apresentam mais rejeitadas e combatidas pelas autoridades nacionais europeias⁵ estão as que dizem respeito à submissão das mulheres, ao uso do véu islâmico (*hijab*) e ao ritual de abate de animais para o consumo de carne *halal* (o que é lícito). As desigualdades e discriminações contra as mulheres nas comunidades islâmicas têm trazido o debate nos Estados Europeus⁶ acerca dos temas relativos aos seus direitos, principalmente em França (ABU-SAHLIEH, 1998; ZÚQUETE, 2011). Os casamentos forçados, os crimes de honra, a mutilação genital feminina e o uso do véu são os temas mais questionados e contra-argumentados pelos governantes de Estados da Europa ocidental⁷ (ABU-SAHLIEH, 1998; ZÚQUETE, 2011). Estes governantes acreditam que estas ações objetivam a exclusão social e a restrição do direito de liberdade das mulheres. De acordo com Zúquete (2011, p. 665), para os representantes dos partidos europeus, a opressão das mulheres “é incompatível com os costumes e atitudes morais de uma civilização ocidental superior que se bate pela igualdade dos gêneros”, pela democracia e respeito pelos outros.

Outro costume islâmico que tem adquirido real atenção é o consumo de “carne *halal*” (ZÚQUETE, 2011, p. 667). Este tipo de carne é feita pelo abate e degolamento ritualizado de animais. A extrema-direita e os grupos de defensores dos animais têm denunciado constantemente este método de abate, que julgam ser desumano. A Áustria, a Itália e a França estão fortemente empenhados na efetivação destas denúncias (ZÚQUETE, 2011).

³ Nações cujas o Islã é visto como problema e ameaça, como já referenciamos anteriormente: França, Inglaterra e Itália.

⁴ Nações cujas o Islã é visto como problema e ameaça, como já referenciamos anteriormente: França, Inglaterra e Itália.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

Perante a estes conflitos, tem-se desenvolvido em territórios de nações europeias⁸, debates direcionados para a discussão de normas e princípios relativos às questões acerca das Identidades Nacionais e sentimento de pertença. Neste sentido, políticas públicas e reformas de cidadania têm sido desenvolvidas como formas de justificações culturais que procuram estabelecer um sentido de pertencimento e possibilidades de integração à sociedade. Estas medidas estão sendo tomadas devido à forte influência de se pensar o Islã como uma “ameaça à segurança e aos valores europeus” (ZÚQUETE, 2011, p. 671). A tendência de identificar o islamismo à falta de segurança e ameaçador à identidade nacional europeia, vem evidenciar e trazer à discussão duas questões que têm adquirido real importância nas preocupações dos governantes e cidadãos europeus: a possibilidade de uma Europa muçulmana e o risco à segurança. Estes assuntos serão discutidos e elucidados no capítulo a seguir.

A AMEAÇA DA SEGURANÇA A “DECADÊNCIA” EUROPEIA (RAZÕES DEMOGRÁFICAS)

Depois do atentado terrorista de 9 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, os muçulmanos passaram a representar sinônimo de problema de segurança (RAPOSO, 2009). O mesmo se deu nas sociedades ocidentais europeias⁹, principalmente a partir dos acontecimentos que decorreram em 11 de Março de 2004 em Madrid, 07 de Julho de 2009 no metro em Londres e dos motins em Paris (RAPOSO, 2009). Segundo Raposo (2009, p. 4), “o *Jihadismo*¹⁰ terrorista é uma realidade que marca os muçulmanos de hoje”, tendo a Europa como “um dos palcos globais centrais da *Jihad* global levada a cabo pelos islamitas” (RAPOSO, 2009, p. 9).

Os muçulmanos responsáveis pela *jihad* global na Europa, de acordo com Reuven Paz (*apud* RAPOSO, 2009), não são oriundos dos países islâmicos, mas sim apoiantes locais como jovens nascidos na Europa e exilados radicais. Estas pessoas receptíveis de idéias radicais, ao se estabelecerem na Europa, vêem no fundamentalismo o mecanismo de fortalecer e resguardar a sua identidade nacional, étnica e religiosa. Portanto, o Islã procura na Europa, meios que, segundo Riva Kastoryano (2005, p. 155), “intensificam o desenvolvimento de um sistema de solidariedade baseado na religião”. Os grupos e indivíduos muçulmanos que vivem em diferentes países europeus, formam comunidades que se identificam e compartilham interesses e costumes territoriais, religiosos e linguísticos comuns (KASTORYANO, 2005). Essas comunidades perpetuam uma ideologia islamita coletiva, que de acordo com Raposo (2009, p. 10), “consagra o desenvolvimento de um Estado Islâmico dentro do Estado Europeu de acolhimento”. É possível notar assim, a intolerância por parte dos muçulmanos em relação aos princípios democráticos, na recusa da soberania dos Estados e de integração na sociedade europeia (RAPOSO, 2009). Deste modo, desenvolveu-se a criação de um “euro-islã” por parte dos jovens muçulmanos nascidos na Europa, que busca a propagação de uma nação imaginária, ou *umma*¹¹. (RAPOSO, 2009).

O crescimento destes conflitos desencadeados por apoiantes locais do Islã se dá paralelamente ao crescimento constante do número de cidadãos muçulmanos europeus e seus descendentes nascidos

⁸ No caso deste trabalho, refere-se a França, Inglaterra e Itália. No entanto, de acordo com Zúquete (2011), Henrique Raposo (2009), e Abu-Sahlieh (1998) em Áustria, Dinamarca e Suíça, também tem se desenvolvido estes debates.

⁹ No caso deste trabalho, refere-se a França, Inglaterra e Itália.

¹⁰ *Jihad* é uma palavra árabe que significa empenho. No entanto, normalmente a palavra é interpretada como “Guerra Santa”.

¹¹ *Umma* é uma palavra árabe que significa Nação.

nos países europeus respectivos (TIESLER, 2005). Estes indivíduos nasceram e/ou foram criados na Europa, o que acaba por resultar em um revivalismo religioso perante a sociedade liberal em que vivem (RAPOSO, 2009). A questão do crescimento constante do número de cidadãos muçulmanos na Europa vem a chamar a atenção para o seguinte problema: a ideia de declínio da Europa.

Em discursos dos partidos de extrema-direita e dos partidos dominantes¹², a “decadência” das sociedades europeias, se destaca como uma possibilidade real de efetivação (ZÚQUETE, 2011). Isto porque, segundo os seus líderes governamentais, os sinais deste “desaparecimento” são perceptíveis diante das ameaças que as forças globais estabelecem sobre a identidade cultural e independência da Europa (ZÚQUETE, 2011). Defendem ainda, que a Europa passará a ser uma República Islâmica. Ideias como esta são encontradas também em blogs na internet, que confirmam que a França já é a Eurábia¹³, diante às inúmeras exigências e manifestações dos muçulmanos nas questões políticas, religiosas, sociais e culturais.

Segundo Nick Griffin (*apud* ZÚQUETE, 2011) o principal motivo que impõe esta ameaça de decadência da Europa é a imigração massiva acompanhada pela elevada taxa de nascimento dos muçulmanos, perante à taxa “suicidamente baixa” de natalidade das sociedades europeias ocidentais. Analogamente às razões demográficas e à imigração descontrolada, algumas políticas multiculturais que evidenciam o ocidente como o causador das reações islamitas radicais, provocarão mudanças profundas nas nações da Europa Ocidental (RAPOSO, 2009; ZÚQUETE, 2011). Walter Laqueur (*apud* ZÚQUETE, 2011) acredita que o que estabelece a dificuldade de reversão do problema, foi a Europa ter percebido tardiamente a eminência das imposições e manifestações islâmicas em seu território.

Alguns autores defendem ainda a possibilidade da explosão de uma futura guerra civil de reação autóctone e, por conseguinte, a recolonização da Europa pelo Islã (ZÚQUETE, 2011). Esta lógica é evidenciada por Niall Ferguson (2006), diante ao crescimento de uma sociedade muçulmana jovem no Sul e Leste do Mediterrâneo, que vem impondo os seus costumes discretamente nestas regiões. Todavia, o que realmente é verificável, é o problema que se assume sobre o declínio europeu, que por sua vez, é imposto principalmente pela imigração desregrada e por razões demográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou elucidar como o “ser muçulmano” na Europa é visto pelas autoridades nacionais, em termos de coesão social e identidade nacional. Neste sentido, foi visto que a identidade cultural tem passado por transformações na pós-modernidade, se fragmentando. Isto acontece devido ao intercâmbio cultural desencadeado por forças que compõem um mundo cada vez mais globalizado. Portanto, por meio do acesso a diferentes estilos e padrões de vida, e da hibridização das identidades culturais, foram produzidas culturas novas e complexas, que acabam por eliminar as distinções das identidades nacionais, que antes eram bem definidas.

Esta fragmentação da Identidade Nacional é vista pelos governantes como fatores de ameaça à sua identidade cultural. Estas questões têm movido a eclosão de discursos e debates intensos nos

¹² No caso deste trabalho, refere-se aos partidos dos seguintes países: França, Inglaterra, Itália.

¹³ Disponível em: <http://shalom-israel-shalom.blogspot.pt/2012/02/franca-ja-e-aurabia-islao-conquista.html>. (20 Jun. 2012)

governos das nações europeias¹⁴, que por sua vez, tem promovido o estabelecimento de normas e políticas públicas que visam fomentar a identidade cultural e o sentimento de pertença. Neste sentido, os discursos das autoridades perpassam, principalmente, pelo combate a questões como a *sharia*, a discriminação e submissão das mulheres, o uso do véu islâmico, e o abatimento de animais. Estes conflitos acabaram por promover crescente importância aos temas cristãos, relevando a justificativa que as sociedades europeias ocidentais¹⁵ partilham de uma identidade cristã, e que preservam os valores morais do cristianismo.

Diante deste panorama, surge a tendência na Europa Ocidental¹⁶ de se pensar o Islã como uma ameaça a alguns valores comuns europeus, e principalmente à segurança. As questões acerca da relação entre o Islã e a segurança na Europa ganhou força a partir dos atentados de 11 de Março de 2004 em Madrid, de 07 de Julho de 2009 no metro de Londres, e dos Motins em Paris, perpetuando a Europa como possível palco central da *Jihad* global. Portanto, este é um dos principais motivos da construção da imagem terrorista que está intrinsecamente ligada ao Islã nos dias de hoje, e o contexto no qual se desenrola os principais debates acerca do tema. Isto nos leva à seguinte reflexão: Considerar o Islã como sinônimo de ameaça à segurança tem real fundamento? É claro relacioná-los depois dos atentados acima citados, todavia, é necessário parar de pensar o Islã somente como comunidade e religião, e passar a pensá-los como pessoas, como defende Henrique Raposo (2009). Isto porque há os muçulmanos fundamentalistas radicais, que sim, agem em prol de conflitos e de fomento às guerras, tanto contra outros muçulmanos quanto contra ocidentais. Mas também, há muçulmanos que respeitam outras culturas, religiões, práticas e estilos de vida. Para chegar à resposta desta questão seria necessário o desenvolvimento de outro trabalho, com metodologias e objetivos específicos que pudessem alcançar as respostas necessárias para a sua realização.

Ainda neste âmbito, é relevante ressaltar que o risco à segurança está intrinsecamente ligado aos muçulmanos que vivem na Europa, e que são apoiantes locais e promotores do fundamentalismo islâmico no país de acolhimento. O número crescente dos muçulmanos europeus acabou por desencadear outra preocupação, que adquiriu real importância entre os governantes, e que diz respeito à iminência de um Estado Islâmico dentro do Estado Europeu. Contudo, o problema que se assume é a possível decadência da Europa, que vem sendo pressionada, sobretudo, pela imigração massiva e por razões demográficas. Estes problemas adquiriram real importância nas preocupações e políticas do governo europeu¹⁷, promovendo políticas que visam resguardar e valorizar a Identidade Nacional, de modo que possam impedir o domínio das práticas islâmicas na Europa, bem como o declínio destas nações.

¹⁴ No caso deste trabalho, refere-se a França, Inglaterra e Itália. No entanto, de acordo com Zúquete (2011), Henrique Raposo (2009), e Abu-Sahlieh (1998) em Áustria, Dinamarca e Suíça, também tem se desenvolvido estes debates.

¹⁵ No caso deste trabalho, refere-se a França, Inglaterra e Itália.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ No caso deste trabalho, o governo europeu citado refere-se aos governos de França, Inglaterra e Itália.

REFERÊNCIAS

- ABU-SAHLIEH, S. Conflitos entre Direito Religioso e Direito Estadual em Relação aos Muçulmanos Residentes em Países Muçulmanos e em Países Europeus. *Análise Social*, vol. XXXIII, n. 146 - 147, pp. 539-561, Lisboa, 1998.
- BATISTA, Cláudio M. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*, volume 5, nº 3, 2005.
- BRESCIANE, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. 2ª Edição, Editora UNESP, São Paulo, 2007.
- FERGUSON, N. The March of Islam. *The Sunday Telegraph*. 2006. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/culture/3652572/The-march-of-Islam.html#> (17 Jun. 2012)
- GOODY, J. Os Taliban, Bemiyán e Nós: o outro islâmico. *Análise Social*, vol. XXXIX, n. 173 (Inverno), pp. 769-780, Lisboa, 2005.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2006.
- CASTORYANO, R. Participação e Cidadania Transnacionais: os imigrantes na União Europeia. In: BARRETO, A. (org.). *Globalização e Migrações*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2005.
- MORAES, A. Notas Sobre Identidade Nacional e Institucionalização da Geografia no Brasil. *Estudos Históricos*, vol. 4, n. 8, pp. 166-176, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2322/1461>. (27 Jun. 2012)
- RAPOSO, H. O Islamismo nas Sociedades Europeias: os mitos da “comunidade muçulmana”, do “diálogo de civilizações” e do “islão moderado”. *Relações Internacionais* [online], n. 22, pp. 63-82, Lisboa, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ri/n22/n22a06.pdf>. (13 de Jun. 2012)
- RODRIGUES, T. Dinâmicas Migratórias e Riscos de Segurança: a velha Europa. *Relações Internacionais* [online], n. 26, pp. 113-129, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/ri/n26/n26a10.pdf>. (13 de Jun. 2012)
- SANTOS, R. *O Encanto da Lagoa: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o Turismo Cultural na Lagoa Encantada*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Departamento de Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2004.
- Shalom Israel*. Disponível em: <http://shalom-israel-shalom.blogspot.pt/2012/02/franca-ja-e-eurabiaio-islao-conquista.html>. (20 Jun. 2012)
- TIESLER, N. Novidades no Terreno: muçulmanos na Europa e o caso português. *Análise Social*, vol. XXXIX, n. 173, pp. 827-849, Lisboa, 2005.
- _____. Religião e Pertença em Discursos Europeus: conceitos e agentes muçulmanos. *Análise Social*, vol. XLIV, n. 190, pp. 17-42, Lisboa, 2009.
- ZÚQUETE, J. Novos Tempos, Novos Ventos? A Extrema Direita Europeia e o Islão. *Análise Social*, vol. XLVI, n. 201, pp. 653-677, Lisboa, 2011.